



## Debate Saídas para a crise internacional

# Criatividade e colaboração em tempo de crise

**S**urpreende-me que a vida se tenha encerrado na dívida soberana, nas empresas a encerrar, no desemprego e pouco se ouça de ideias e acções consistentes para ultrapassar a crise. Há, felizmente, notícias optimistas, pouco divulgadas, de algo improvável para nós. Elas respeitam a imponentes progressos no saber, na criação de riqueza e de bem-estar, com os quais deveríamos ir aprender sem complexos.

Estou a pensar na Índia, mas poderia pensar na China ou no Brasil. Aí, na Índia, por exemplo, a cadeia Apollo Hospitals of India, com 54 hospitais, foi solicitada a dirigir um hospital público de 350 camas, multiespecialidades, em Dar-es-Salam e, futuramente, a gerir mais cinco hospitais no mesmo país. A Narayana Hrudayalaya Hospitals vai dirigir um hospital de 2000 camas nas Ilhas Caimão, criando lá uma Faculdade de Medicina, com médicos e professores da Índia. A Accenture tem mais de 70.000 colaboradores na Índia, a maior fatia num único país, de um conjunto de 200.000 no mundo, dos quais “apenas” 30.000 nos EUA. E os relatos podiam prosseguir nesta linha.

O que acontece? As civilizações milenárias e sábias estão a recuperar o brilho das suas capacidades, depois de terem sido reduzidas à nulidade pela ocupação colonial, aniquilando a sua capacidade de criar riqueza. Agora, quando o Ocidente se encontra enredado nas suas contradições, esquecido dos valores que o fizeram grande, os países do Oriente, no seu longo processo de purificação, recuperaram os valores originais e, com eles, a pujança que vemos hoje.

**Eugénio Viassa Monteiro**  
Professor da AESE e autor do livro *O Despertar da Índia*

Parecia ser sempre no Ocidente que tudo acontecia, na cultura, na ciência e no saber. Agora sabe-se que muitas “descobertas” do Ocidente já o haviam sido, séculos antes, na Índia. Quantos avanços em medicina, astronomia, álgebra, física, etc., eram sabidos e utilizados na Índia muito antes de serem “descobertos” na Europa!

Espanta o dinamismo actual indiano, em particular num domínio que exige conhecimentos e pessoal especializado como o da saúde, inventando originais soluções para permitir o acesso de todos os pacientes pobres necessitados. Espanta a expansão das empresas de TI: a TCS, com mais de 200.000 trabalhadores; da Infosys e da WIPRO. Espanta a multidão de centros de investigação nacionais e de multinacionais, mais de 1500 (entre eles da Intel, Oracle, HP, General Electric, etc.). Espantam as plataformas de fabricação de carros subcompactos em Chennai e Pune, onde todos os “grandes” do mundo fizeram elevados investimentos para a produção do seu carro pequeno, demonstrada que foi a capacidade da Índia de “reinventar” as leis da física para produzir um carro ultrabarato, que nenhum outro fabricante sequer imaginara ser possível...

Da miséria e total falta de meios como esteve ao conquistar a independência sobrou à Índia a imaginação e a arte de criar soluções originais e económicas para cada problema. As economias de escala desembocaram no desenvolvimento inclusivo, com produtos e serviços integrando I&D que os melhoraram e reduziram custos. E aí está o “milagre” do telefone móvel, com mais de 800 milhões de assinantes;

do tablet por 35 dólares; do carro Nano por 2500 dólares, etc. Ao que Jeff Immelt, CEO da GE, apelidou de *reverse innovation*, que vai regressar às economias ricas, em crise, para viabilizar serviços como os de saúde e outros necessários a uma população envelhecida.

A Índia ultrapassou, apenas com os seus meios, os contrangimentos para aprender a fazer e crescer! Mas a crise actual faz pensar que a solução está na colaboração, não egoísta como até aqui, entre os países ricos – habituados a impor – e os espoliados – que querem viver com dignidade. A Índia, um amplo mercado emergente, pode ter um papel importante na recuperação da economia ocidental; para o confirmar, a *The Economist* destacava que o maior conglomerado industrial inglês era, afinal, indiano, propriedade do grupo TATA, com mais de 45.000 trabalhadores no Reino Unido!

É bom considerar o que dizia Einstein da crise – para ganhar forças que levem a um trabalho criativo e de colaboração com países em grande crescimento: “A crise é a melhor bênção que pode acontecer às pessoas e países, porque leva a progressos. A criatividade nasce da angústia, como o dia nasce da noite escura. É na crise que nascem as invenções, os descobrimentos e as grandes estratégias. Quem supera a crise supera-se a si mesmo. (...) A verdadeira crise é a da incompetência (...). Sem crise não há desafios, sem desafios a vida é uma rotina, uma lenta agonia. Sem crise não há méritos. (...) Acabemos de vez com a única crise ameaçadora, que é a tragédia de não querer lutar para a superar.”